



INSTITUTO FEDERAL
Rio de Janeiro
Campus Duque de Caxias

**Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*
em Educação Física Escolar**

Fabício Lira Santos

O CORPO NA ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL

DUQUE DE CAXIAS – RJ

2022

Fabício Lira Santos

O CORPO NA ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao programa de Pós-
graduação *lato sensu* em Educação
Física Escolar do Instituto Federal do
Rio de Janeiro como parte dos requisitos
necessários para obtenção do título de
Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Nunes Sayão

DUQUE DE CAXIAS – RJ

2022

CIP - Catalogação na Publicação

S237c Santos, Fabrício Lira

O corpo na escola e a construção da imagem corporal / Fabrício Lira Santos - Duque de Caxias, 2022.
29 f. ; 30 cm.

Orientação: Marcelo Nunes Sayão.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização), Especialização em Educação Física Escolar, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Duque de Caxias, 2022.

1. Ambiente escolar - Imagem corporal . 2. Imagem corporal em adolescentes - Mídia (Publicidade). 3. Comunicação de massa - Influência . 4. Estudantes do ensino médio - Imagem corporal. 5. Autopercepção - Estudantes do ensino médio. I. Sayão, Marcelo Nunes, **orient.** II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. III. Título

Elaborado pelo Módulo Ficha Catalográfica do Sistema Intranet do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - Campus Volta Redonda e Modificado pelo Campus Nilópolis/LAC, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária: Cassia R. N. dos Santos CRB-7/4903

O CORPO NA ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL

FABRÍCIO LIRA SANTOS

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao programa de Pós-
graduação *lato sensu* em Educação Física
Escolar do Instituto Federal do Rio de
Janeiro como parte dos requisitos
necessários para obtenção do título de
Especialista.

Data da aprovação: ____/____/____

Documento assinado digitalmente
 MARCELO NUNES SAYAO
Data: 13/06/2023 15:11:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcelo Nunes Sayão
PPGEFesc - Instituto Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
 ANA BEATRIZ CORREIA DE OLIVEIRA TAVAI
Data: 14/06/2023 18:06:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Ana Beatriz Correia de Oliveira Tavares
PPGEFesc - Instituto Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
 VALERIA NASCIMENTO LEBEIS PIRES
Data: 18/06/2023 17:01:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Valéria Nascimento Lebeis Pires
IE / DEFD UFRRJ

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, pelo dom da vida, mesmo eu não sendo merecedor, Ele vem me abençoando todos os dias.

À Crislayne de Oliveira, minha amiga, pelo companheirismo de anos, se não fosse os conselhos dela eu não teria me matriculado em uma pós-graduação.

À Beatriz Jucá, graduanda de arquitetura e minha aluna de personal, pelos incentivos e contribuições para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus amigos da pós-graduação, que me ajudaram nesta caminhada de IFRJ.

A todos que contribuíram a formação deste trabalho, cada participante da pesquisa.

E por fim, um agradecimento ao meu orientador, Marcelo Sayão, por ter me conduzido, me incentivado no desenvolvimento deste trabalho.

SANTOS, F. L. O corpo na escola e a construção da imagem corporal (Trabalho de conclusão de curso). Programa de Pós-Graduação lato sensu em Educação Física Escolar, Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Duque de Caxias, RJ, 2022.

RESUMO: No final da educação básica os alunos já possuem um conhecimento mais consolidado sobre corpo, seja a partir de um olhar biológico (os sistemas e suas funções no corpo), sobre a saúde (estilos e condições de vida), e também em uma perspectiva social (influências e padrões). Ainda assim, os alunos com suas diferentes formas de corpo, em seu processo de formação, e na transição para a idade adulta, sofrem muito com as influências da exposição massiva de um modelo de corpo que vem sendo vendida pelos meios de comunicação, já que a procura por esse corpo considerado ideal é estimulada incessantemente. Neste contexto, o problema pautado nesta pesquisa se evidencia no momento em que o indivíduo considera que seu corpo não se assemelha ao padrão estético disseminado e valorizado pela mídia. A pesquisa teve como objetivo analisar as influências dos padrões corporais construídos socialmente na avaliação do próprio corpo em alunos do ensino médio. Se caracteriza como um estudo de natureza qualitativa, envolvendo alunos concluintes do ensino médio que alcançaram o maioridade. Para realizá-la, foi elaborado um questionário on-line e a análises das respostas se inspirou nas atitudes metodológicas propostas por Rosa Fischer (2003). Desse modo, foi possível identificar a existência de um padrão e de estímulos incessantes que levam a uma “corrida”, pautada por julgamentos e insatisfações, para se alcançar o modelo. Mesmo quando se percebe que se trata de uma corrida perdida, pois os mercados e os discursos hegemônicos sobre saúde e estética precisam que a corrida não cesse.

Palavras-chave: corpo e escola, corpo e mídia, imagem corporal.

SANTOS, F. L. The body at school and the construction of body image. Lato sensu Graduate Program in School of Physical Education, Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio de Janeiro, Campus Duque de Caxias, RJ, 2022

ABSTRACT: In the end of elementary school the students already have a established knowledge of their own bodies, being from a biological (the body systems and their functions), health (lifestyle and living conditions), and social perspectives. Even though, with their different body shapes, the students, in the transiction to adulthood suffer because of the extensive exposition from a type of body that is sold by the media since the seek for the “perfect body” is endless stimulated. In this context, the problem we face in this research is showed at the moment the subject sees their body as not compatible to what society says it should be. The research aims to analyze the influences of socially constructed body pattern on body evaluations in high school students. The research is characterized as qualitative study involving high school students who have reached adulthood. To accoplish it, an online quiz was made and the evaluation of the answers was inspired by Rosa Ficher’s (2003) metodological attitudes. That way it was possible to indentify the existence of a pattern and non-stop spur that lead to a “race” guided by judgments and dissastisfaction to reach an utopic model. Even when you realize it is a lost race, because the market and the hegemonic speeches on health and aesthetucs need the race to not stop.

Key words: Body and school, body and social media, body image.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	1
2.OBJETIVOS	5
3.METODOLOGIA	5
4.RESULTADO E DISCUSSÕES	9
4.1. Padrão.....	9
4.2 Julgamentos.....	13
4.3 Insatisfação.....	16
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

1. INTRODUÇÃO

No meu processo de formação na escola, principalmente no ensino médio, sempre tive uma preocupação com o corpo, entretanto, somente após ingressar no curso de Educação Física constatei que se tratava de uma insatisfação corporal. Neste momento se evidencia que a percepção que eu tinha sobre o meu corpo não era o que eu desejava, pois não se enquadrava nos moldes do que era valorizado socialmente, já que não estava dentro dos padrões que eram impostos. Atualmente, na ótica docente, percebo que muitos alunos têm o mesmo problema, ou seja, uma preocupação, uma insatisfação, que transparece e é perceptível em diversos momentos na escola e mais ainda nas aulas de Educação Física.

Nesse sentido, é comum que os professores de Educação Física (EF) se deparem com a recusa em exibir o corpo ao usar o uniforme de EF, ou mesmo utilizar roupas que deixem o corpo a mostra, ou ainda em realizar atividades nas quais seu corpo esteja exposto ao olhar de outros alunos. Arriscaria dizer, fundamentado na minha experiência, que esta recusa vai se tornando mais frequente conforme os alunos vão avançando no seu processo de escolarização, sendo mais comum no ensino médio, período no qual os padrões corporais produzidos socialmente se fazem mais presentes e a preocupação em atender as exigências sociais se intensifica.

Considerando que a EF enquanto componente curricular tem como característica e especificidade a vivência e experimentação do movimento e o trabalho corporal, são muitos os momentos nos quais se apresentam entre os alunos a preocupação com a exibição do corpo. Mesmo em momentos nos quais não se exige a exposição corporal, ou quando são abordados assuntos caros a EF, os padrões e exigências sociais acerca do corpo se fazem presentes. Assim, por exemplo, quando abordado o tema saúde, os alunos relacionam ser saudável com a estética, exemplificam o corpo saudável com os corpos padronizados que são mostrados massivamente nos meios de comunicação, ou seja, o corpo do atleta, ator, modelo, naturalizando a ideia de um corpo padrão e de uma busca por esse corpo. Desta forma, reafirma-se em muitos a sensação de inadaptação, seja pela estética, seja pela saúde, e evidencia-se o descontentamento com o corpo.

Como aponta Paula Sibilia (2010), o que na sociedade contemporânea se costuma denominar de culto ao corpo é na realidade o culto a um determinado tipo de corpo, e esse corpo elevado a ideal produz mais do que o desejo de contemplação, mas uma forte vontade mimética de incorporação dessas imagens que poderiam levar ao

reconhecimento e ao sucesso. Vontade de consumo que é prontamente atendida pelo mercado e pela tecnociência, que incessantemente busca produzir e oferecer soluções que possibilitem alcançar o desejado fitness, ou seja, adequar o corpo aos padrões intensamente propagados pela mídia. Conforme a autora, na tentativa de criar um corpo perfeito, a carne humana é submetida as mais diferentes técnicas de modelagem que requerem esforço, tempo e dinheiro. Conforma-se então uma busca exagerada pela forma física que acaba por constituir um paradoxo, já que ao mesmo tempo em que intensifica-se a preocupação com o corpo incrementa-se um desprezo pelo organismo humano, do ponto de vista fisiológico, nas palavras da autora: “... toda essa ânsia por encarnar a beleza na própria pele aduba, também, uma violenta rejeição da materialidade corporal” (SIBILIA, 2010, pg. 198)

A escola, que poderia ser um espaço de ampliação da compreensão sobre o corpo e seus condicionantes sociais acaba tratando muito pouco à temática, e muitas vezes somente em duas disciplinas, Educação Física e Biologia. Com isso, comumente, acaba por não contribuir para que os alunos possam ter mais condições de lidar com o seu corpo e o corpo do outro, e tampouco contribui para que se perceba como o corpo é objeto de estudo em diferentes campos do conhecimento. Nesse sentido, Siqueira & Faria (2007) apontam que o corpo é tematizado em vários âmbitos, como a antropologia, a medicina, a informática, a engenharia, a biologia, a moda, a arte, a comunicação, entre outros, evidenciando as amplas possibilidades de compreensão que o envolve, o que muitas vezes não é aproveitado e discutido pela escola.

Nesta perspectiva, tematizar o corpo na Educação, e mais especificamente as influências sociais na imagem que o sujeito tem do seu próprio corpo e do corpo do outro se faz extremamente necessário, contribuindo para uma formação ampla, uma maior compreensão das questões corporais e também das questões sociais presentes neste contexto.

A partir das afirmações acima cabe ressaltar que o corpo não desempenha apenas uma função biológica, mas também é social, e não há como negligenciar a valorização do corpo na sociedade, pois está em evidência. Afinal, ter um corpo saudável e notável torna-se questão de status na sociedade, sendo ainda mais importante tratar o corpo, porque no atual momento intensifica-se a cobrança sobre aqueles que não buscam aprimorar seu corpo e sua saúde. Nesse contexto, impõem-se um julgamento moral, desqualificando aqueles que não buscam se enquadrar.

Segundo Sibilia (2010), se estabelece uma moral da boa forma, instigando cada sujeito a uma gestão de si plena de autocontrole, sacrifícios e privações, que já é em si mesma uma característica moral atribuída àquele que a adota. É preciso controlar os riscos à saúde, se libertar das impurezas orgânicas, minimizar as marcas da deteriorização física, buscando alcançar e exibir a imagem idealizada do corpo que permite o reconhecimento de um sujeito com uma moral superior. Na mesma linha, Costa (2005) aponta para a conformação de uma moral das sensações, na qual o corpo que se exhibe passa a ser uma referência primordial na avaliação do valor de cada sujeito. Surgem então os novos desviantes, indivíduos desqualificados sistematicamente por não se enquadrarem nos preceitos do corpo e da saúde idealizados. São eles os fracos de vontade, os dependentes, os inibidos, os desregulados, os que não sabem priorizar o que é considerado correto e os deformados que tardam ou não conseguem atingir as formas alçadas a modelo padrão.

Neste processo, há indivíduos que cultuam o corpo, se preocupam com sua forma, buscando intensa e incessantemente alcançar o padrão de beleza estabelecido. Esse culto ao corpo engloba atividade física, dietas, cirurgia plástica e uso de produtos cosméticos (CASTRO, 2003). Nessa linha, existem pesquisas que relatam o caso de mulheres que passam a viver em função disto (BERGER, 2008). Ou seja, o pressuposto de que ter o corpo magro é sinônimo de saúde e melhora a autoestima é recorrente entre participantes de pesquisas.

As representações sociais do corpo e de sua boa forma aparecem como elementos que reforçam a autoestima e dependem em grande parte da força de vontade, pois quem quer pode ter um corpo magro, belo e saudável. A aparência de um corpo bem definido e torneado indicaria saúde, revelando o poder que a exaltação e exibição do corpo assumiram no mundo contemporâneo. A mídia de um modo geral tornou-se, assim, uma importante forma de divulgação e capitalização do que estamos chamando de culto ao corpo. (DANTAS, 2011, p. 909)

Neste contexto, há uma interferência dos padrões corporais na imagem corporal dos indivíduos, fazendo com que homens e mulheres que não se enquadrem nos padrões estéticos produzidos socialmente apresentem insatisfação corporal. A construção da imagem corporal é constante e ocorre de forma pessoal e conjunta, sofre influência da cultura, da mídia e de outros indivíduos, onde cada sujeito contribui para a construção da imagem do outro, de forma mútua (ALVES, 2009; BARROS, 2005; BOSI, 2006). Desse modo, entender como o corpo aparece para o indivíduo, como o indivíduo se vê, corrobora o conceito de imagem corporal que é apresentado da seguinte forma: “... entende-se por imagem do corpo humano a figuração de nossos corpos formada em

nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós" (SCHILDER, 1994, p. 11). Dessa forma, a criação de um corpo ideal ocasiona uma corrida pessoal por padrões, acarreta uma insatisfação com a imagem corporal, faz com que as pessoas tenham o desejo de possuir uma forma diferente, que em sua maioria, é voltada ao corpo magro, definido, musculoso, jovial. Pode se dizer que o corpo passa a ser um objeto de consumo, assim como tudo que está vinculado a ele. A todo tempo nos deparamos com um produto exposto pela mídia, através dos meios de comunicação, televisão, internet, etc, seja em momentos nos quais o produto está diretamente relacionado a uma transformação do corpo, seja em momentos em que um outro produto aparece como texto principal, mas o corpo idealizado, magro, belo, se apresenta como subtexto. A atenção que é voltada pelo corpo exposto ocorre quando o corpo apresenta certas características.

Paula Sibilia (2010) aponta que as lentes e os olhares são atraídos quase que exclusivamente pelos corpos que conseguem ostentar uma silhueta esguia com feições juvenis, além dos corpos sarados e malhados, visto que o culto ao corpo está atrelado a este modelo hegemônico. De acordo com a autora, os sujeitos contemporâneos privilegiam o valor da imagem, atribuindo a mesma o poder de revelar quem se é, e assim ser reconhecido como portador dos atributos necessários para alcançar o sucesso, em sintonia com o que a sociedade elege como tal: prazer sexual, sucesso profissional, status, beleza, qualidade de vida, etc.

Segundo Sibilia, os comportamentos acabam por estar atrelados a uma poderosa indústria da insatisfação, fundamentada em uma rede de crenças que associam a não exibição do corpo padronizado a uma falha de caráter do indivíduo. Para não ser assim classificado, o sujeito precisa recorrer às soluções produzidas pela tecnociência oferecidas no mercado e divulgadas pela mídia. Para a autora, o mercado então produz e vende o problema, a insatisfação, ao mesmo tempo em que oferece uma ampla gama de soluções. A produção de insatisfação é constante, a todo o momento surgem novas exigências, novos detalhes a serem considerados e incorporados pelos sujeitos. Nas palavras da autora “impõe-se operar a tempo as atualizações necessárias nos próprios organismos, a fim de evitar o risco sempre presente de ficar obsoleto e a fim de manter, também, uma alta performance em estado de visibilidade permanente” (2010, p. 206).

A mídia, a tecnociência e o mercado então, em aliança, produzem constantemente novas demandas que apontam novos “defeitos”, imperfeições, falhas da condição carnal a serem superadas. Simultaneamente, conforme Sibilia (2010)

produzem também as técnicas e sujeitos capazes de operá-las, o que garantiria, sempre momentaneamente, a possibilidade de alcançar o padrão por meio das “correções” disponibilizadas. Constante renovação dos problemas que gera insatisfações permanentemente renovadas e a busca inquieta pelos produtos, dos mais diferentes tipos, que prometem a solução. E assim perdura o ciclo que só pode ser interrompido pelo questionamento das lógicas que o produzem, ação para a qual a escola e a EF poderiam e deveriam contribuir.

Diante deste cenário, a partir das inquietações e referenciais expostos, este trabalho irá mapear a existência de padrões corporais entre estudantes do ensino médio e analisar a influências desses padrões na imagem que esses alunos têm de si.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

Analisar influências dos padrões corporais construídos socialmente na avaliação do próprio corpo em alunos do terceiro ano do ensino médio.

2.2. Objetivos Específicos

- Investigar como são elaboradas as avaliações que os alunos fazem do próprio corpo
- Analisar os sentidos presentes nas avaliações que os alunos fazem do próprio corpo

Investigar os efeitos dos padrões corporais socialmente produzidos entre os alunos

3. METODOLOGIA

O estudo foi composto por 16 participantes, com idades compreendidas entre 18 e 20 anos, com uma totalidade de 9 integrantes do sexo feminino, 6 do sexo masculino e 1 participante que preferiu não dizer o sexo. Em relação à idade, foram 9 participantes com 18 anos, 5 com 20 anos e 2 com 19 anos. Entre os participantes tivemos uma

ligeira maioria de colégios privados 9, e 7 participantes de colégios públicos. Na redação do trabalho, para evitar a identificação dos participantes da pesquisa, a referência a cada um dos respondentes será feita por uma numeração, separada por gênero, acrescida da idade (aluna 1, 18 anos; aluno 1, 19 anos).

Devido ao momento atípico de pandemia global vigente durante o planejamento e execução da pesquisa, no qual alunos e educadores encontravam-se em distanciamento social para combater a propagação do Covid-19, se fez necessária à busca de estratégias que não expusessem a riscos os sujeitos. Dentro das possibilidades de fazer um estudo qualitativo, o instrumento utilizado foi a elaboração de um questionário online, a ser respondido por meio do Google Forms, contendo oito perguntas para cada participante (disponível no Anexo I).

Inicialmente, por mídia social, foi realizada uma divulgação por meio da qual o participante teve ciência da pesquisa, do tema envolvido, do objetivo e do método. A divulgação da pesquisa foi compartilhada por meio do Facebook e do Instagram em grupos de estudos, formandos e preparatórios para o Exame Nacional de Ensino Médio. Ao se interessar em participar, o indivíduo clicava no link e era redirecionado ao Google Forms, no qual tinha acesso ao termo de consentimento livre e esclarecido e, posteriormente a tomar ciência e aceitar as condições do termo, às perguntas. Todos os participantes da pesquisa precisavam declarar serem alunos regulares do Ensino Médio, estar cursando o terceiro ano deste nível de ensino e serem maiores de idade. Ou seja, como critério de inclusão na pesquisa foi adotado estar cursando o terceiro ano do ensino médio de colégios públicos e particulares e ser maior de idade. Já como critério de exclusão adotou-se estar cursando outro ano de escolaridade, ou estar fora da escola, e ser menor de idade.

A opção por alunos do ensino médio maiores de idade se justifica pela maior viabilidade da aplicação da pesquisa, pois caso fosse feita com alunos menores de idade haveria a necessidade de um termo de consentimento dos responsáveis e do assentimento dos menores. Isso implicaria na produção de outro formulário a ser assinado pelos responsáveis, que poderiam não estar diretamente acessíveis no momento do contato com o questionário, podendo diminuir a disponibilidade do respondente, além da dificuldade de comprovação da filiação do menor. Ao mesmo tempo, ao restringir os participantes a maiores de idade, a pesquisa se apoia na responsabilidade pela declaração assumida pelo próprio sujeito. Já a opção pelo terceiro ano do ensino médio se justifica pela hipótese mencionada na apresentação deste

trabalho, de que a preocupação com a imagem se intensifica com a idade, e pelo vínculo do sujeito com a escola, instituição da qual se esperaria a produção de reflexões sobre a temática, conforme também mencionado anteriormente.

Após entrar no link, o participante tinha que confirmar que era estudante do terceiro ano do ensino médio e maior de idade, caso não fosse, seria excluído da análise dos dados, ainda assim, houve três participantes que foram excluídos por demonstrarem nas respostas dos questionários que não estavam dentro dos critérios de inclusão.

Nesse processo, em função da dificuldade em acessar estudantes, provocada pela pandemia e pela adoção do ensino remoto, a coleta ocorreu durante o segundo semestre do ano de 2021, de junho à setembro, optamos também por não restringir as respostas a alunos de uma mesma escola, divulgando o formulário de forma aleatória. Acreditamos que assim teríamos maior possibilidade de alcançar um maior quantitativo de respostas. Essa opção se justifica ainda por considerarmos que o objetivo não estava centrado em mapear e analisar lógicas presentes a partir de um determinado espaço, mas buscar identificar alguns discursos e concepções sobre o corpo e a imagem corporal circulante, em especial, entre estudantes do ensino médio.

Nessa lógica, vale enfatizar que essa pesquisa não tem a pretensão de universalizar os seus resultados, e que os dados obtidos não retratam uma totalidade ou homogeneidade das formas como o corpo é concebido entre alunos do ensino médio. Como mencionado anteriormente, seu objetivo estava direcionado para a produção de análises e reflexões que possam contribuir para pensar a temática do corpo e da imagem corporal, a partir do mapeamento de algumas concepções presentes entre os alunos. Em função desses aspectos, e inspirado na ideia de saturação, mas sem buscar seguir rigorosamente uma definição estabelecida por algum dos seus defensores, a aplicação do questionário foi interrompida no momento em que se identificou a repetição de alguns discursos circulantes, que já traziam elementos suficientes para a produção de análises e reflexões que viessem a contribuir para pensar a temática em questão.

A análise das respostas aos questionários teve como inspiração alguns princípios e atitudes metodológicas apontadas por Fischer (2003), a partir das ideias de Michel Foucault.

Inicialmente, compreender que as pesquisas, assim como os objetivos por quais se luta, estão relacionadas à linguagem considerada não como um meio de representar uma realidade, mas como constituidora, produtora, dessa realidade. Ou seja, a linguagem não atua somente na representação do indivíduo, já que ao nomear, adjetivar

um objeto ou um sujeito, classifica, ordena, instaura uma realidade que passa a constituir o objeto ao qual se refere. Nessa lógica, a linguagem, ao nomear, objetiva os sujeitos de uma determinada forma, atribui alguns sentidos em detrimento de outros, afirma formas de ser e viver, restringindo possibilidades. Desse modo, ao se chamar alguém de “gordo” não se está representando uma realidade, mas atribuindo um sentido pleno de significações que veda outras possibilidades de nomear, compreender e vivenciar uma condição particular.

Segundo Fischer (2003), na pesquisa deve-se buscar apontar os fatos humanos e os enunciados de um discurso como raros, não óbvios, já que as possibilidades de compreensão dos mesmos são múltiplas. Ao invés de óbvios e inquestionáveis deve se buscar o “vazio” que há em torno dos fatos e enunciados, ou seja, todas as condições, outros fatos e enunciados que são fundamentais para a sua conformação, mas que “desaparecem” pela desconsideração da dimensão histórica e pela cristalização dos fatos e enunciados em “coisas naturais”. Desse modo, de acordo com a autora, cabe ao pesquisador praticar o exercício da dúvida, desnaturalizar, buscar a multiplicidade de fatores dentro de uma construção que é histórica, como no caso dos enunciados sobre o culto ao corpo, sobre as formas do corpo feminino, sobre o belo e o feio, entre tantos outros elementos que atuam sobre o corpo nomeando-o. Da mesma forma, é preciso mapear os sentidos presentes nos discursos, não como naturais, mas como em disputa, já que são produtos do tempo histórico, onde uma mesma expressão pode englobar diferentes sentidos, como o corpo atlético, que passa a ideia do corpo magro, mas em alguns esportes é o corpo com sobrepeso.

Nesta perspectiva, como atitude metodológica, a pesquisa busca pistas que apontem para algumas formas que instam os sujeitos a se constituem enquanto efeitos de determinados discursos, efeitos de determinados enunciados e sentidos que se tornam hegemônicos, e naturais, configurando-se como verdades para cada sujeito. Busca observar práticas discursiva, enunciados, ou seja, a ação da linguagem fixando sentidos, nomeando, classificando e hierarquizando formas de ser e de viver. E ainda as práticas não discursivas, materializadas em normas, regras, práticas institucionalizadas, na conformação dos espaços, entre outras possibilidades, que contribuem para a fixação e naturalização de sentidos. Normas como a que força mulheres, em determinadas modalidades esportivas, a usar uniformes que ressaltam o corpo perto do padrão, enunciados circulantes que instam mulheres fora do padrão a não exibir o corpo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O conteúdo obtido com as respostas permitiu identificar três categorias a posteriori, a partir dos discursos circulantes entre os alunos, que servirão como norteadoras das análises. É importante ressaltar que as categorias não são independentes, já que estão extremamente inter-relacionadas, e que a separação aqui elaborada é uma estratégia que visa contribuir para uma melhor compreensão.

4.1. PADRÃO

A partir das respostas dos participantes foi possível observar diversas referências à existência de uma padronização do corpo que gera preocupação com o reconhecimento, a aceitação e o alcance desse corpo.

(...) vivemos numa sociedade muito influenciada pela indústria da moda e pela mídia que ditam padrões de corpo inatingíveis pra maioria dos indivíduos. Isso faz com que qualquer um que esteja fora desse padrão passe a ser julgado (Aluna 1, 18 anos).

(...) padrão dos artistas, famosos mídia... Preconceito, [sic] avaliações superficiais, conclusões precipitadas... (Aluno 4, 20 anos).

(...) a mídia impõe um padrão corporal e estético, sendo esse magro. (Aluna 7, 18 anos).

Assim, a alta frequência de respostas com menções a existência de padrões corporais que impõem modelos a serem seguidos, ou ainda o grande número de respostas fazendo menção à forma que o corpo, como um todo ou parte dele, deve assumir, ou então as repetidas respostas apontando para a preocupação com o reconhecimento e a aceitação caso não se atinja o padrão apontaram para a centralidade desse termo/categoria e para a importância de analisá-la.

Dessa forma, se configura como padrão a ser analisado todas as menções a: existência de padronizações corporais; formas que o corpo ou partes do corpo devem assumir; satisfação ou insatisfação associada à percepção do corpo; preocupações com a imagem, com o reconhecimento, com desempenho corporal e pessoal, com a integração social, entre outras.

Essa presença massiva da padronização, seja pela menção direta da palavra ou das outras formas relacionadas acima, se faz presente em todas as seis perguntas do

questionário (considerando que a sétima pergunta continha a palavra padrão, o que já estimulava o seu aparecimento na resposta). Nas perguntas em que se indagava sobre a existência de avaliações acerca do próprio corpo e do corpo do outro, a padronização se evidenciou ainda com mais força.

Desse modo, as respostas encontradas reforçam os estudos que falam sobre a imagem corporal, sobre a própria percepção do corpo que é construída pelo indivíduo, e apontam para a dinâmica satisfação/insatisfação com o corpo e com a imagem, remetendo à busca permanente por um corpo que agradaria o olhar de todos, de onde vem à ideia de padrão.

Para Anzai (2000) isso leva milhões de pessoas a recorrerem a cirurgias, cosméticos e regimes, em suma, as pessoas gastam fortunas para mudar o seu corpo, perder gordura e mudar a parte do corpo que incomoda. O autor relata também como efeito dessa padronização o “boom” das academias e o quanto isso interfere no mercado, por exemplo, a indústria dos exercícios físicos, das práticas de bem estar, dos produtos que prometem “reparar” as “imperfeições” corporais, que movimentam bilhões no país. Especificamente em relação às academias, o autor enfatiza o “boom” como um efeito do contexto, situado no começo do século XXI, e a sua grande influência.

Os efeitos da padronização se intensificam ainda mais com o incremento da exposição e valorização do corpo nos últimos anos, em especial a partir dos anos 80, que é ressaltada por alguns autores. Berger (2008) afirma que tal influência chegou ao Brasil uma década depois, a partir de seu estudo qualitativo no qual foram entrevistadas mulheres, percebeu essa mudança num período de 1990 a 2005. A autora também mostra um desnudamento evidente no vestiário no decorrer dos anos, afirma que a indústria da moda diminuiu os tamanhos das roupas e isso faz com que as pessoas busquem “caber nas roupas” e mostrar mais o corpo, e ainda correlaciona o fato de o Brasil ser um país tropical com a maior exposição do corpo.

Seguindo uma das atitudes metodológicas sugerida por Fischer (2003) compreendemos as falas dos participantes não como uma forma de nomear uma realidade já existente, mas como formas de instaurar uma realidade, afirmar determinados sentidos em detrimento de outros, classificar e hierarquizar. Desse modo, as seguintes respostas são consideradas como a própria instauração dos padrões:

(...) Homens: Altos, Barriga definida, Braços grandes e definidos. Mulheres: Bunda bem grande e malhada, pernas grande, barriga definida (Aluno 4, 20 anos).

Sim. Para homens, um corpo mais musculoso no geral ou que não apresente tanta gordura corporal. Para mulheres, um corpo mais magro, com uma cintura fina e silhuetas marcadas, como peitos e glúteos relativamente grandes (Aluna 2, 20 anos).

Conformam-se então os padrões que os entrevistados estão citando, quase como naturais, por meio de processo que eles atribuem a ação da mídia e da sociedade, mas que eles acabam por reproduzir/produzir. Assim no que diz respeito à definição do corpo "padrão", se enquadra o musculoso, o definido, o magro e forte, que supostamente são aqueles que possuem saúde, ou seja, superiores e valorizados perante aos demais. Ou seja, corpos classificados na categoria padrão são aqueles que supostamente não estariam acima do peso, que supostamente não possuem excesso de gordura e que apresentam músculos visivelmente definidos. Por mais que existam diferenças, as características estimadas para homens e mulheres se assemelham na constituição do padrão. Para homens: corpos altos, com abdômen, braços e pernas grandes e definidos. Mulheres: corpos altos, com abdômen definido, cintura fina, peitos e bunda grandes, além de pernas grossas. As respostas dadas pelos participantes seguem a ideia de padrão que é observado nos estudos relacionados à corpolatria nas cidades litorais, nos estudos que relacionam corpo e transtornos alimentares, autoestima e ainda nos estudos relacionados ao meio fitness and wellness, onde esse corpo descrito é visto como o padrão de saúde.

Ainda fundamentado em Fischer (2003), na compreensão da linguagem como produtora da realidade, expressões como “barriga definida”, “corpo magro”, “cintura fina e silhuetas marcadas”, são adjetivos presentes na linguagem que atualmente passam a compor a representação do corpo, características que antes, em outros contextos históricos, não eram valorizadas, mas que no contexto atual passam a ser e se naturalizam, como se os padrões sempre tivessem sido os mesmos. Os sujeitos então se tornam efeitos dos discursos hegemônicos naturalizados. Ainda que pareça superficial, a ideia de um corpo padrão se estabelece e se consolida, não por meio de regras ou leis, mas por normas que se naturalizam, assim, o corpo bonito que é aceito por todos é o corpo musculoso. Se naturaliza um corpo ideal, sarado, para homens e mulheres, tomado como referência para a busca incessante para estar dentro dos padrões. O indivíduo vê que o corpo que não está no padrão pode ser um empecilho no convívio

profissional e social, seja em uma entrevista de emprego, em um círculo amigável ou até mesmo para atrair um companheiro(a).

Para desnaturalizar os padrões corporais contemporâneos, podemos tratá-los como raros, seguindo o que aponta Fischer (2003). Nesse sentido, é fundamental situar esses padrões no contexto histórico, e apontar como são diferentes as formas de se relacionar, de valorizar, de cultivar o corpo na história. Com isso poderíamos explorar outras formas de corpo e não se atentar ao padrão, questionar a ideia de padronização e seus efeitos, indagar porque começamos a almejar um padrão, questionar a valorização do corpo definido, da magreza e outros padrões impostos. Para Sandra dos Santos Andrade: “A magreza como matéria-prima instável das novas identidades corporais foi-se impondo como norma, e a gordura teve de ser queimada, derretida, apontando a necessidade de adaptar-se, ser flexível e acompanhar a precisão de reajuste do corpo”. (p. 129, 2003).

Pode-se observar que o corpo também esteve atrelado às diferentes formas de culto, crenças e adoração. Nesse sentido, é fundamental resgatar esse olhar histórico, enfatizar semelhanças e diferenças históricas, ressaltando o que é produzido em cada contexto e o que é, especificamente, decorrente das formas de vida contemporâneas. Para Sibilia: “A toda hora e por toda parte, nas sociedades aglutinadas pelos mercados globais, corpos femininos e masculinos se projetam na visibilidade e se tornam objeto de adoração (pg. 196, 2010)”.

O recorte a partir da perspectiva de diferentes culturas e contextos históricos nos traz a reflexão sobre o que antes era feito ao longo de anos e sobre o que é feito hoje. Em especial vale destacar a exposição do corpo na sociedade contemporânea que ocorre de forma instantânea, independentemente do local. O jovem, mesmo na escola, acessa sua rede social que traz uma exposição do corpo incessante e faz com que as pessoas se comparem com as imagens de um padrão reproduzido infinitamente. São anúncios, comerciais, fotos pessoais que associam o corpo padronizado ao sucesso, à felicidade, à saúde. Nessa lógica, uma boa imagem corporal, dentro do padrão disseminado, é um instrumento poderoso para se alcançar “a felicidade”. E o que ocorre com o indivíduo que vê a sua imagem distante do padrão que ele tanto vê espalhado em todos os espaços? De acordo com Sibilia (2010), o culto ao corpo não traz apenas sensações prazerosas para quem consegue estar no padrão, traz um lado sombrio que transforma o

corpo numa fonte constante de preocupações, inquietações, desgostos, desqualificações que atingem tanto aqueles que se aproximam do padrão quanto aqueles que estão distantes, o que poderá ser visto nas demais categorias de análise apresentadas a seguir. A valorização do padrão se afirma nas respostas dos participantes da pesquisa, mesmo quando parecem querer ressaltar a questão da saúde. “Acredito que padrão é muito forte, mas o que muitas pessoas têm começado a buscar é um corpo saudável novamente!” (Aluna 9, 19 anos).

4.2. JULGAMENTOS

Com o conteúdo presente nas respostas que foram dadas pelos participantes também foi possível criar a categoria julgamentos, que dialoga com a categoria anterior e também com a seguinte. Nesse sentido, é importante enfatizar que as três categorias elaboradas estão intrinsecamente interligas, pois é possível observar que tanto o julgamento quanto à insatisfação estão associados ao corpo que não é visto como padrão. Da mesma forma que ocorreu com a categoria padrão, houve uma alta frequência de respostas que demonstram alguma forma de julgamento em relação ao corpo ou parte dele, em suma, os entrevistados frequentemente demonstraram preocupação em avaliar e julgar o próprio corpo e o corpo do outro.

Desse modo, esta categoria se fundamenta nas avaliações que os participantes da pesquisa fazem sobre o seu próprio corpo e o do outro, classificando-o como satisfatório/agradável ou não visualmente. Vale ressaltar que essa avaliação está carregada de juízo de valor que classifica e hierarquiza os corpos, desqualificando aqueles que se afastam dos ideais definidos como aceitáveis. Esta avaliação, como vimos anteriormente a partir de Sibilía (2010), comumente ganha um caráter moralizante, associado ao caráter do sujeito, o que reforça ainda mais o peso sentido por aqueles que não se enquadram. “O corpo é a primeira coisa que os outros veem, então fica ali como se fosse uma “primeira impressão” (Aluna 2, 20 anos)

Sobre esse caráter moralizante, é preciso levar em consideração a forma como a mídia atua contribuindo para a hegemonia dos padrões e também para a forma como os indivíduos se relacionam com eles. Dessa forma, pessoas que se enquadram nesse padrão tendem a ser julgadas de forma positiva, enquanto aquelas que se mantêm fora dele são propícias a serem julgadas de forma negativa. E para além disso, a recorrente

associação feita entre os padrões e a saúde, entre os padrões e a conquista da felicidade, entre os padrões e a obtenção do sucesso, tudo isso associado ao empenho individual, à força de vontade, faz com que aquele que não alcance essas “virtudes” possa, e deva, ser julgado, por si mesmo e pelo outro.

Assim, é possível ver que o julgamento aparece como forma de avaliação positiva ou negativa que os participantes têm do corpo, do próprio e do das outras pessoas. Mas não só, pois comumente o julgamento se estende para a força moral, para o caráter, de si mesmo e do outro. Desta forma, a partir desse olhar moralizante, que embasa esse julgamento, se a pessoa não está de acordo com o padrão há um desconforto, proveniente de si e do seu meio social, acompanhado de um sentimento de inferioridade: “Desconfortável. Porque as pessoas tendem a julgar os outros de formas negativas.” (Aluna 1, 18 anos).

Ainda que apareçam respostas que apontem e critiquem a ideia de corpo padrão, essas respostas vêm acompanhadas da ideia de julgamento, “(...) Porque vivemos numa sociedade muito influenciada pela indústria da moda e pela mídia que ditam padrões de corpo inatingíveis pra maioria dos indivíduos. Isso faz com que qualquer um que esteja fora desse padrão passe a ser julgado” (Aluna 1, 18 anos). Fica evidente então uma naturalização da atitude de julgar.

Mais uma vez, seguindo as atitudes metodológicas propostas por Fischer (2003), é preciso apontar o caráter instaurador da linguagem e a necessidade de considerar a atitude de julgar como um fato raro. Dessa forma, é possível associar o ato de julgar ao contexto presente, no qual vem se dando um incremento da individualização e responsabilização dos sujeitos, como foi visto com Freire Costa (2005).

A contextualização da atitude de julgar a partir das respostas obtidas pode se levada adiante ainda por meio do diálogo com outras pesquisas, assim, o entendimento aqui apontado é visto em outros autores como Paula Sibilía e Dina Alves.

Cabem ainda, nesse conjunto de novos mal-estares da época, as ansiedades suscitadas pela temível exposição ao olhar alheio que poderá julgar duramente o próprio aspecto corporal desatando fobias sociais, como síndrome do pânico ou a depressão. (Sibilía, p. 200, 2010)

Para Alves (2009), a pessoa ser magra no ocidente significa ter competência, sucesso e ser atraente sexualmente. Segundo a autora, existe uma cultura da magreza, e a principal vítima dessa cultura é do sexo feminino. A busca por esse corpo envolve

outros valores além dos expostos acima, uma ideia de disciplina, de cuidado e controle, perpassadas por lógicas empresariais, mercantis e de adestramento dos corpos.

Berger (2008) em uma pesquisa qualitativa sobre o culto ao corpo entrevista mulheres de diferentes idades e chama a atenção para a cobrança social, aqui denominada de julgamento. Destaca que, anteriormente, ao se avaliar o corpo do outro, não se associava tão fortemente à prática de atividades físicas, enquanto que agora passa a ser comum indagar se as pessoas são ativas fisicamente, e caso não sejam, passar a vê-las de outra forma. Para Siqueira (2007), a partir de um estudo em que analisou revistas, ao corpo feminino são atribuídos valores que não eram anteriormente associados às mulheres, um corpo forte, esbelto, ativo, passa a ser reconhecido, em contraste com a ideia de delicadeza que por muito tempo foi predominante.

Voltando à questão da linguagem como constituidora da realidade e ao caráter histórico da atitude de julgar, vale mencionar que em outros contextos aos adjetivos gordo e magro não se atribuíam os mesmos sentidos existentes atualmente, já que estes não carregavam a dimensão moral tão presente hoje. Assim é fundamental perceber que esses adjetivos, trazem com eles uma série de significados constituídos a partir de características que surgiram ou se valorizaram na sociedade contemporânea.

Seguindo a reflexão acerca do julgamento que se faz do corpo volumoso, do corpo gordo, percebe-se uma série de associações a esse adjetivo que não foram feitas sempre. Nesse sentido, é possível mencionar a relação com uma pessoa inerte, que não faz atividades físicas, o que é atualmente altamente desvalorizado, remete ao corpo parado que não busca movimento, considerando que a ideia de movimento aqui pode ser pensada de forma ampla, ou seja, um indivíduo sem iniciativa, somado ao aspecto moralizante, que afirma que o indivíduo está com o corpo volumoso por querer e à ideia de estar fora do padrão, acima do peso que é considerado ideal. Vale lembrar que em determinado período da história, onde houve escassez de alimentos, ter o corpo volumoso, gordo, era visto como saudável. Hoje se passa a julgar o que foge do padrão do corpo ativo considerado como corpo saudável. Fica evidente aqui, a diversidade de sentidos possíveis, assim como a classificação e hierarquização do que deve ser qualificado ou desqualificado.

A categoria julgamento então se apresenta atrelada à categoria padrão, uma vez que a segunda é utilizada para justificar a primeira. Dessa forma, os indivíduos

geralmente tendem a não só produzirem um autojulgamento, mas também acabam por julgar o corpo alheio, ambos baseados na pré-definição de corpos padrões. Logo, apesar de ambos os corpos femininos e masculinos serem julgados a partir de algumas características distintas, ambas se enquadram em algumas referências comuns: de corpos ativos, fisicamente definidos, saudáveis, produtivos e adaptáveis.

Nesse contexto, um simples olhar que a pessoa recebe ao adentrar em um ambiente, seja no trabalho, uma igreja, um ônibus ou até mesmo na escola, pode remeter a uma desqualificação, fazendo com que a pessoa se perceba fora desse padrão e já se sinta, julgada, inferiorizada: “Basta você ser diferente que você vai perceber os olhares, os comentários quando você passa.(...) As vezes dependendo do humor me deixa triste, porque eu sei que as avaliações vem com julgamento.” (Aluna 9, 19 anos). Sentimento este que interfere diretamente nas relações interpessoais nos mais diferentes ambientes. “Estamos em uma sociedade que nasce, cresce, envelhece e morre acostumada a julgar a vida e o corpo alheio, justamente por terem seu próprio corpo e vida julgados o tempo todo.” (Aluna 8, 18 anos).

O ato de julgar acaba se propagando, passa ser parte de um ciclo, muitas vezes disseminado até pelas pessoas que criticam o padrão e o julgamento. Pessoas que são julgadas passam a olhar as outras com o mesmo olhar: “Na minha opinião, isso acontece pela falta de segurança que as pessoas têm com o próprio corpo, então elas fazem isso como forma de se comparar com outros.” (Aluna 1, 18 anos). Essa disseminação intensifica o sentimento de desajuste, referenciado pelo padrão, e contribui na produção da insatisfação, categoria que veremos a seguir.

4.3. INSATISFAÇÃO

Se por um lado é possível dizer que a insatisfação é uma consequência resultante da existência de um padrão e de um julgamento, por outro também pode se dizer que a insatisfação também reforça e produz o padrão e instaura o julgamento. Vale aqui reiterar a atitude metodológica proposta por Fischer (2003), já que a partir desta perspectiva, a expressão da insatisfação não é uma forma de nomear algo já preexistente, mas de instaurar uma realidade que simultaneamente padroniza, julga e gera insatisfação. A categoria insatisfação se apresenta então totalmente associada às categorias anteriores, como resultante da existência de padrões, julgamentos e

insatisfações que podem atingir o indivíduo e seu corpo positivamente ou negativamente.

A insatisfação ocorre quando o indivíduo não possui o corpo que idealiza como padrão, e por mais que se consiga atingir o peso ideal para seu biótipo pode ocorrer uma insatisfação, pois não se trata apenas de valor quantitativo, engloba fatores psicossociais. A insatisfação se impõe então como uma categoria de análise neste trabalho pela sua recorrente presença nas respostas dos entrevistados. E se diferencia da categoria julgamento na medida em que esta última tem como característica a presença de uma classificação e hierarquização, que na sociedade contemporânea cada vez mais vem ganhando um caráter moralizante, como aponta Sibilia (2010). A insatisfação se caracteriza pelo descontentamento como o próprio corpo ou parte dele e pode gerar diferentes níveis de intensidade. Associada ao julgamento pode adquirir uma dimensão moralizante, e aumentar ainda mais o descontentamento.

Conforme mencionado, os participantes apresentaram reiteradamente esse conceito: “O tempo todo, devido ao fato de nunca estarmos plenamente satisfeito com o que temos ou somos.” (Aluna 3, 20 anos); “Sim, não estou satisfeita com meu peso, com a maneira que a gordura se acumulou no meu corpo.” (Aluna 14, 19 anos). Constantemente aparece de forma direta ou indireta o desejo de alterar alguma parte do corpo. Em especial, se destacam as respostas das participantes do sexo feminino.

Bosi (2006) em seu estudo que busca identificar a autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição do Rio de Janeiro do sexo feminino, observa que há um ideal do corpo magro e que mulheres apresentam uma grande insatisfação corporal, pois mesmo estando com o peso adequado, o peso idealizado era menor, assim como a altura desejada era maior, o que também aparece na presente pesquisa: “Mulheres precisam ser magras, cintura fina, pele sem defeitos, altas...” (Aluna 8, 18 anos). Os participantes em sua maioria apontaram o tamanho da barriga como característica a ser valorizada no corpo do outro assim como mostraram que gostariam de alterar o tamanho da sua própria. São discursos que mostram insatisfação corporal por um suposto excedente de gordura, já que a perimetria abdominal, nos discursos científicos sobre a saúde e o bem-estar, está diretamente relacionada a quantidade de gordura do corpo.

Ocorre que quando as pessoas não se veem na descrição do corpo magro se preocupam, se inquietam, se julgam, estimulados pelas ideias hegemônicas de corpo, saúde, sucesso e felicidade. Neste sentido, Alves (2009) aponta que somos diariamente

confrontados com esse padrão, com o ideal de magreza também descrito e cobiçado pelos participantes desta pesquisa. O autor mostra que essa corrida pelo padrão também é alimentada por sentimentos de inferioridade e baixa autoestima. Ainda em seu estudo, Alves enfatiza a forte influência do fator cultural na autoavaliação da imagem corporal.

Podemos observar a mesma constatação em outra pesquisa

Em nosso horizonte histórico percebemos o culto exacerbado do corpo e a perseguição de modelos estéticos estabelecidos socialmente. Falamos de um ideal vinculado pelo social que vende a saúde e a beleza como conjunto de curvas perfeitas, pela sedosa, cabelos lisos e, sobretudo, a magreza. O corpo como mensageiro da saúde e da beleza torna-se um imperativo tão poderoso que conduz à ideia de obrigação. Ser feliz e pleno na atualidade corresponde a conquista de medidas perfeitas, bem como a pele e o cabelo mais reluzente. O corpo ganhou uma posição de valor supremo, seu bem-estar parece ser um grande objetivo de qualquer busca existencial na atualidade. . (DANTAS, 2011, p. 909)

A posição que o corpo assume, mostrado pela autora, ressalta como o julgamento se tornou forte, como as pessoas começaram a se sentir pressionadas a terem as “curvas perfeitas”. “Eu me sinto insegura pq [sic] parece que eu estou tendo que ficar bonita e arrumada para que outros me achem assim.” (Aluna 2, 20 anos). A insegurança e a insatisfação se reforçam ainda mais com a preocupação frente ao olhar do outro.

Essa aversão ao próprio corpo imperfeito traz uma serie de problemas ao individuo, e dentro desse contexto Paula Sibilía (2010) aponta para algumas as patologias instauradas a partir da padronização, do julgamento e da insatisfação, que muitas vezes levam os indivíduos para além dos seus limites. Cabe ressaltar a constante insatisfação mesmo quando o corpo obtém bons resultados em avaliações cientificamente reconhecidas, que supostamente atestariam que o padrão teria sido alcançado. Sibilía menciona então a vigorexia, que é a prática exacerbada do fisiculturismo, a ortorexia que indica a restrição de alimentos que engordam e a fixação pelo consumo de alimentos saudáveis, a tanorexia, que é o desejo de manter a pele bronzeada o ano inteiro, além de outras doenças já mais conhecidas como a bulimia e a anorexia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar neste estudo que existe um padrão e somos estimulados a alcançá-lo, sendo esse magro e/ou musculoso para homens, e corpo magro, silhueta fina, pernas grandes e seios fartos para mulheres. Os participantes, em sua maioria, gostariam de se enquadrar nos padrões e acreditam que as pessoas são avaliadas e julgadas pelo corpo que possuem, além de apontarem a mídia como principal influenciadora na busca por esse padrão. Os participantes também se sentem inseguros em relação às avaliações que outras pessoas façam do seu corpo, o que comumente intensifica o sentimento de descontentamento. Conforme foi apontado, outros estudos também mostraram a insatisfação dos seus participantes com seus corpos, mesmo quando eles apresentam características que estariam classificadas como normais, assim como foi visto na presente pesquisa.

A partir das respostas dos participantes foi possível destacar a intensa preocupação na busca pelo corpo ideal, e como esse culto ao corpo idealizado vem levando-os a um processo de autodepreciação. Foi recorrente entre os indivíduos a menção a insatisfação com seu corpo e a necessidade de mudanças, já que ocorreram várias afirmações que expressaram o desejo de mudar uma ou mais partes do corpo. É preciso destacar também o contexto, em alguns momentos apontado pelos próprios entrevistados, de uma sociedade que tem girado em torno disto, mediante um mercado de academias, da estética, da moda, da exposição de si, do sucesso e da felicidade que leva o indivíduo a buscar incessantemente as mais diferentes formas de intervenção sobre o corpo. Desse modo, cabe ressaltar que essa busca pelo corpo padrão é uma corrida perdida, já que os mercados e os discursos hegemônicos envolvidos nesse processo precisam que essa corrida não cesse. O problema é criado e renovado constantemente para que as soluções possam ser vendidas.

Dentro do ensino, a escola deve dar atenção a essa busca, todo processo de culto ao corpo e a busca da beleza, ela atinge os alunos no ensino básico também, orientar os alunos e desnaturalizar o corpo padrão para que a valorização do corpo não se torne um empecilho para a prática de atividades físicas, para que não tenha uma recusa em usar uniforme, em expor o corpo. Em outras palavras, arrisco dizer que até mesmo a escola deveria fazer parte da mudança pois é o principal meio de convívio social para jovens e adolescentes, as representações de um padrão se tornam presente, tanto no corpo, como nas vestimentas ou até mesmo um simples corte de cabelo, trazer este tema para o

currículo ressaltando que o corpo é social, não apenas um conjunto de tecidos , órgãos e sistemas. Os alunos que procuram emagrecer ou ganhar musculatura não deveriam buscar o conhecimento sobre treinamento e desportos somente fora da escola quando há professor de EF que dentro da sua formação possui amplo conhecimento para orientar aluno, não somente o professor, por exemplo, as escolas públicas que oferecem alimentação e possuem nutricionista no seu quadro de funcionários, cabe um projeto de extensão, uma semana com projeto multidisciplinar em que os alunos tragam as informações para haver uma troca, com dúvidas sendo tratadas dentro de sala de aula.

Neste cenário, o papel do educador é intervir para que esse processo não interfira na saúde dos alunos, tanto na saúde física como na saúde psicossocial. É importante que os alunos entendam, entre outras questões, o processo de valorização do corpo idealizado, como ocorre, o porquê do vínculo do corpo magro e musculoso à saúde, e como vem sendo criado e de certa forma vendido a eles. Esta pesquisa buscou, mesmo em universo limitado e sem pretensões de universalização, contribuir para a ampliação das possibilidades de compreensão e reflexão acerca desses fenômenos

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, D. et al . Cultura e imagem corporal. **Motri.**, Santa Maria da Feira , v. 5, n. 1, p. 1-20, jan. 2009 .
- ANDRADE, S. Saúde e beleza do corpo feminino: algumas representações no Brasil do século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v.9, n.1, p.119-43, 2003.
- ANZAI, Koiti. O corpo enquanto objeto de consumo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 21, n. 2, 2010.
- BARROS, Daniela Dias. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro , v. 12, n. 2, p. 547-554, Aug. 2005
- BERGER, M. . O culto ao corpo. *Revista Samp*, São Paulo, p. 32 - 33, 14 out. 2008.
- BOSI, Maria Lúcia Magalhães et al . Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição: um estudo no município do Rio de Janeiro. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro , v. 55, n. 2, p. 108-113, 2006 .

CASTRO, A. L. de. Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo.** 2004.

DANTAS, Jurema Barros. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 11, n. 3, p. 898-912, dez. 2011 .FERREIRA, M. E. C.; CASTRO, M. R.; MORGADO, F. F. R. Imagem corporal:

reflexões, diretrizes e práticas de pesquisa. **Juiz de Fora: Editora UFJF**, p. 173-185, 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault revoluciona a pesquisa em educação?. **Perspectiva**, v. 21, n. 2, p. 371-389, 2003.

FREITAS, Clara Maria Silveira Monteiro de et al. O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, p. 389-404, 2010.

SCHILDER, Paul; WERTMAN, Rosanne. **Imagem do corpo: as energias construtivas da psique.** Martins Fontes, 1994.

SIBILIA, P. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma In: FREIRE FILHO, J. Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: **Editora FGV**, 2010.

SIQUEIRA, Denise; FARIA, Aline. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 3, n. 9, p. 171-188, 2008.

Anexo I

Roteiro

Qual (quais) característica (s) você valoriza no seu corpo? Por que?

Você acredita que existam características do seu corpo que as pessoas apreciem mais? Quais? Por que você acha que elas apreciam mais essas características?

Qual (quais) característica (s) você valoriza no corpo do outro? Por que?

Existe alguma (s) característica (s) do seu corpo que você gostaria de alterar? Por que?

Você acha que as pessoas avaliam o corpo das outras pessoas? Se sim, o que as leva a fazer isso?

Como você se sente frente a possíveis avaliações que os outros façam do seu corpo? Por que?

Você acredita que as pessoas são julgadas pelos seus corpos?

Você acredita que existe um corpo padrão que as pessoas querem ter? Se afirmativo, consegue descrever esse corpo para homens e mulheres?